



Interculturalidade e a prática educativa intercultural: imbricações conceituais e valorativas

Simone de Jesus Sena da Silva Sousa*, Carmen Lúcia de Oliveira Cabral**

Resumo

A prática educativa é complexa nos diferentes processos e nas ações da formação humana, enquanto a interculturalidade, imbricada nessa prática, define relações intrínsecas de conhecimentos, saberes e aprendizagens com princípios éticos, políticos e estéticos nos diversos espaços das interações humanas, especialmente nos escolares. Neste estudo, avalia-se a conexão entre a interculturalidade e a prática educativa, revelando as tensões e os conflitos que se manifestam nesse contexto. O propósito principal é analisar as relações firmadas entre a interculturalidade e a prática educativa nos espaços de relações socioculturais entre os seres humanos. Para tanto, dialoga-se com os pressupostos de autores como Azevedo (2023), Candau (2009, 2010, 2020), Mota e Cabral (2013), Sacavino (2020), entre outros. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica (Gil, 2002), ancorada em material publicado em formato de artigos científicos e livros, os quais trazem contribuições significativas sobre a temática. Os resultados demonstram que a interculturalidade e a prática educativa apresentam relações intrínsecas, singularizando-se pela complexidade epistêmica e dinâmica. Conclui-se que nessa dinâmica, destacam-se os princípios interculturais, como o diálogo, a colaboração, a comunicação e a competência intercultural, direcionando ações, atitudes, compromissos, habilidades e posicionamentos permeados pela diversidade e pelas diferenças, com uma intencionalidade pedagógica e educativa democrática e inclusiva.

Palavras-chave: interculturalidade; prática educativa; princípios interculturais.

Interculturality and intercultural educational practice: conceptual and evaluative overlaps

Abstract

Educational practice is considered complex in the different processes and actions of human formation, while interculturality, intertwined to this practice, defines intrinsic relations of knowledge and learnings, guided by ethical and aesthetic principles in the diverse spaces of human interaction, especially in educational ones. In this study the connection established between interculturality and educational practice in the different spaces of human relation is analyzed. The main purpose is analyzing the conception created between interculturality and intercultural education in the spaces of sociocultural relationships among human beings. For that, it established a dialogue with Azevedo (2023), Candau (2009, 2010, 2020), Mota and Cabral (2013), Sacavino (2020), among others. It is a bibliographic research, grounded in a previous elaborated material, as scientific articles and books that contribute to thematic comprehension. The results showed that the interculturality and educational practice presented intrinsic relations, distinguishing itself by epistemic and dynamic complexity. It can be concluded that in this dynamic the intercultural principles as dialogue, collaboration, communication, intercultural competence, that guide actions, attitudes, commitments, skills and positions permeated by diversity and differences with pedagogical and educational, democratic and inclusive intentionality are highlighted.

Keywords: interculturality; educational practice; intercultural principles.

* Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professora efetiva da Rede de Ensino Municipal de Teresina - Piauí (SEMEC/PI). Vínculo com o Núcleo de Estudo e Pesquisa sobre Formação e Desenvolvimento Profissional em Pedagogia (NUPPEd). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5546-3681>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0429670960248715>. E-mail: simonessena@yahoo.com.br

** Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Pós-doutorado em Educação na Universidade Estadual de Campinas/SP (UNICAMP). Professora titular da Universidade Federal do Piauí (UFPI), docente no curso de licenciatura em Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação. Coordenadora do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Formação e Desenvolvimento Profissional em Pedagogia (NUPPEd). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9916-0466>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9060452579098202>. E-mail: carmencabral@ufpi.edu.br

Interculturalidad y práctica educativa intercultural: imbricaciones conceptuales y valorativas

Resumen

La práctica educativa es compleja en los distintos procesos y en las acciones de la formación humana, mientras que la interculturalidad, imbricada en esta práctica, define relaciones intrínsecas de conocimientos, saberes y aprendizajes con principios éticos, políticos y estéticos en los diversos espacios de las interacciones humanas, especialmente en los escolares. En este estudio se evalúa la conexión entre la interculturalidad y la práctica educativa, revelando las tensiones y los conflictos que se manifiestan en este contexto. El propósito principal es analizar las relaciones establecidas entre la interculturalidad y la práctica educativa en los espacios de relaciones socioculturales entre los seres humanos. Para ello, se dialoga con los supuestos de autores como Azevedo (2023), Candal (2009, 2010, 2020), Mota y Cabral (2013), Sacavino (2020), entre otros. Se trata de una investigación bibliográfica (Gil, 2002), sustentada en material publicado en forma de artículos científicos y libros, los cuales aportan contribuciones significativas sobre la temática. Los resultados demuestran que la interculturalidad y la práctica educativa presentan relaciones intrínsecas, singularizándose por su complejidad epistémica y dinámica. Se concluye que, en esta dinámica, se destacan los principios interculturales, como el diálogo, la colaboración, la comunicación y la competencia intercultural, orientando acciones, actitudes, compromisos, habilidades y posicionamientos atravesados por la diversidad y las diferencias, con una intencionalidad pedagógica y educativa democrática e inclusiva.

Palabras clave: interculturalidad; práctica educativa; principios interculturales.

INTRODUÇÃO

A problemática da interculturalidade nos espaços de relações e de interações humanas apresenta diferentes configurações, desvelando tensões e conflitos nas relações sociais – conforme Walsh (2009), em âmbito nacional e na América Latina, diante das diversas subjetividades e dos diferentes povos que habitam esses territórios. Desse modo, com as inquietações provocadas nesses espaços de pluralidades e de diferenças, avalia-se a possibilidade de adotar iniciativas para refletir e questionar, sob uma perspectiva crítica, princípios interculturais que promovam um posicionamento engajado e comprometido em direção ao respeito mútuo, à sensibilidade, à valorização, à aceitação, ao reconhecimento e à construção de saberes, bem como ao conhecimento com base nas diferenças socioculturais, históricas, políticas e econômicas.

O (com)viver e o (com)partilhar os princípios interculturais precisam constituir uma das (pre)ocupações dos/as professores/as e educadores/as, configurando-se como um desafio trazer à prática cotidiana conhecimentos, ações e relações permeadas por uma sensibilidade respeitosa, includente e democrática. Nessa dinâmica, apresenta-se a problemática: como a interculturalidade se relaciona com a prática educativa nos diferentes espaços em que ocorrem as relações socioculturais entre os seres humanos? Isso posto, o presente estudo visa a analisar as relações firmadas entre a interculturalidade e a prática educativa nos espaços de relações

socioculturais entre os seres humanos. De modo específico, propõe-se discutir os conceitos de prática educativa e de interculturalidade nessas relações socioculturais entre humanos; caracterizar as relações entre a prática educativa e a interculturalidade nos espaços das relações socioculturais entre os seres humanos.

O estudo justifica-se, entre outras possibilidades, pela relevância de refletir sobre a temática em foco na atualidade, nos espaços de relações e nas interações humanas, nomeadamente na escola, na perspectiva de efetivas práticas educativas pautadas em princípios interculturais que permeiam os ambientes educativos e a sociedade. Provocar uma reflexão sobre a interculturalidade relacionada com essas relações e interações é fundamental para conhecer e compreender como a pluralidade e as diferenças manifestas tencionam e conflitam o modo de ver e de sentir das pessoas, afetando os valores e os conceitos de ser humano e do convívio social, aguçando posicionamentos de aceitação e de respeito, bem como de rejeição, de intransigências. Entretanto, percebe-se que, mesmo que de forma lenta, a temática vem ganhando espaço e destaque nas discussões, nas produções científicas e nos eventos educacionais.

A metodologia utilizada nesta investigação foi a pesquisa bibliográfica, por meio da qual se realizou uma revisão de literatura sobre a temática em discussão. Dessa forma, analisaram-se artigos científicos e livros que trazem contribuições relevantes sobre a interculturalidade e a prática educativa. Nesse sentido, destaca-se a argumentação de Gil (2002), para quem a pesquisa bibliográfica se desenvolve com base em material já elaborado.

Para a sistematização das problematizações e dos posicionamentos, conta-se com as contribuições de autores, como: Azevedo (2023), ao problematizar a diversidade e as diferenças nas relações e na comunicação, no âmbito da escola; Candau (2009, 2010, 2020), mediante estudos sobre educação intercultural, interculturalidade, práticas e relações interculturais; Franco (2012), com o conceito e a finalidade da prática educativa; Mota e Cabral (2013), com o estudo do conceito de prática educativa; Sacavino (2020), ao discutir a educação intercultural e a interculturalidade; Santiago, Akkari e Marques (2013), ao estudarem a educação intercultural, a interculturalidade e as relações interculturais na escola; Souza e Fleuri (2003), com estudos acerca da educação intercultural; Zabala (2014), com o diálogo acerca do conceito, das características e das condições da prática educativa, entre outros.

O texto organiza-se em sete sessões. Além desta Introdução, destacam-se: na metodologia, *Caminhos para a produção da escrita*; as sessões sobre o debate conceitual, *Entendendo a educação intercultural*, *Interculturalidade: conceitos em discussões*, *Interculturalidade e práticas educativas interculturais: relações intrínsecas*; e a *Relações interculturais nos espaços educativos: diálogos e competências interculturais*. Encerrando o debate, apresentam-se as Considerações Finais.

Caminhos para a produção da escrita

Na sistematização deste estudo, o embasamento teórico conceitual e metodológico ancorou-se em textos, livros e artigos científicos. Logo, o procedimento do estudo denomina-se bibliográfico, porquanto se caracteriza por elementos constituídos em pesquisas já realizadas. Coadunando Gil (2002, p. 44), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos [...]”, material que se reorganiza e interpreta conforme os objetivos do estudo em pauta.

Como os demais procedimentos de pesquisa, o bibliográfico apresenta vantagens e desvantagens. Em consonância com Gil (2002, p. 45), “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.” Adicionalmente, há outras vantagens, como estudos que precisam de dados muito dispersos pelo espaço e em casos de estudos históricos.

Ademais, o desenvolvimento deste estudo por procedimento bibliográfico apresenta vantagens na seleção das produções que evidenciam a relação entre interculturalidade e a prática educativa no espaço escolar – questão relevante para o contexto educativo contemporâneo. A leitura e a interpretação das produções foram organizadas por meio de critérios segundo a categorização temática, a coerência com os objetivos da pesquisa e relevância do estudo, conforme referenciado em Gil (2002).

Neste estudo, o procedimento bibliográfico valida-se pela coerência entre os objetivos propostos e a necessidade de aprofundar teoricamente os conhecimentos acerca da interculturalidade e das práticas educativas voltadas à diversidade sociocultural presente nos espaços educativos. Revela-se, pois, apropriada à natureza do estudo, uma vez que possibilita a reunião, a sistematização e a reflexão crítica sobre produções acadêmicas consolidadas,

favorecendo uma compreensão da complexidade epistêmica e da dinâmica sociocultural que permeiam as relações e as interações humanas nos ambientes educativos.

Ressalta-se que este estudo situa a problemática entre a interculturalidade e a prática educativa na realidade da população urbana no ambiente escolar, por ser lugar de diversas condições – de gêneros, históricas, étnico-raciais, religiosas, econômicas, geracionais, de sexualidades, entre outras – as quais denotam a necessidade de compreender e aprender a lidar ao longo das relações e das interações educativas construídas na escola.

Entendendo a educação intercultural

A educação intercultural vem se destacando no contexto educativo, nas discussões que seguem sobre a diversidade cultural e histórica, diante das diferenças plurais no espaço escolar, nas práticas educativas e nas formações de professores, corroborando os estudos de Azevedo (2023), Candau (2009, 2010, 2020), Sacavino (2020), Santiago, Akkari e Marques (2013), Souza e Fleuri (2003). Com efeito, a constituição política da postura intercultural abre espaço para a produção do conhecimento, a sistematização de ideias, o compartilhamento de saberes, o confronto entre as posturas teóricas e ideológicas.

A educação intercultural, para Souza e Fleuri (2003, p. 73),

[...] ultrapassa a perspectiva multicultural, à medida que não só reconhece o valor intrínseco de cada cultura e defende o respeito recíproco entre diferentes grupos identitários, mas também propõe a construção de relações recíprocas entre esses grupos.

A posição dos referidos autores evidencia o alcance da educação intercultural que envolve o valor da diversidade cultural, bem como o respeito, o reconhecimento e a possibilidade de construção de relações recíprocas entre diferentes grupos. A acepção intercultural, indo além da multicultural, propõe relações recíprocas entre as culturas, em uma dinâmica mútua e ativa de diálogos, trocas e aprendizados. A atitude da interculturalidade constitui-se como crítica, ética, política e estética, promovendo o respeito e a sensibilidade entre culturas, questionando as relações de poder e denunciando as desigualdades, movida pelo ideal de convivência baseada em princípios democráticos.

Nesse sentido, é interessante pensar no compromisso formativo da educação contemporânea, que não se reduz a incentivar a tolerância e o respeito à diversidade, mas buscar a interação dialógica e transformadora entre culturas. Para Candau (2009, p. 108), a

educação intercultural “[...] é uma educação pertinente à realidade de multiculturalidade que caracteriza cada país. Promove o conhecimento de suas diversas culturas e favorece o encontro entre elas num diálogo horizontal e democrático.”

Ao referendar dessa forma, a autora em apreço aponta para uma intencionalidade pedagógica e educativa na educação intercultural, com o propósito de superar preconceitos e discriminações, atuando na resolução de situações conflituosas que podem surgir a qualquer momento no ambiente escolar. Por oportuno, sobreleva-se que a educação intercultural,

[...] interpela a educação vigente em uma sociedade determinada e procura uma re-educação coletiva porque a interculturalidade não é espontânea, nem automática, mas fruto de um processo permanente de diálogo que produz equidade, justiça, igualdade e diferença. Educação intercultural quer dizer re-educação para atrever-se a pensar e a sentir, de novo, à luz de outras tradições culturais (Candau, 2009, p. 110).

A educação intercultural experiencia a interculturalidade como um processo permanente que tem como fundamento o diálogo recíproco entre diversas manifestações no ambiente escolar, com vistas a uma educação ou a uma reeducação com a possibilidade de um pensar e um sentir novo, voltado para os modos diversos de ser das pessoas. Nessa perspectiva de educação intercultural, a escola estabelece-se como um espaço de construção e de elaboração do conhecimento, de formação, de trocas, de vivências, de experiências e de aprendizagens significativas.

De acordo com Santiago, Akkari e Marques (2013, p. 181), “a escola passa a assumir a construção de seus processos educativos com base nas relações interculturais, em que a interação e o diálogo produzem novos significados sobre os diferentes contextos culturais.” Sobreleva-se, com base na fala dos supracitados autores, que a escola, como espaço de possíveis construções de práticas educativas voltadas para a interculturalidade, pode contribuir com vivências e relações humanas baseadas na interação entre as manifestações diversas dos modos de ser humano. Por sinal, os autores em comento ressaltam que o diálogo e a interação são centrais na criação de “novos significados” das relações nos espaços escolares, o que se estende à sociedade em geral, promovendo mudanças nos princípios e nos valores sociais.

Nessa direção, Sacavino (2020, p. 8) defende “a construção de uma perspectiva intercultural capaz de mobilizar práticas educativas que visem uma educação crítica tendo como horizonte a reinvenção da escola.” Em concordância com o referido autor, afirma-se que

tanto a escola quanto os professores precisam se reinventar, assumindo os princípios interculturais da interação e de diálogo para a promoção de relações recíprocas e respeitosas, introduzindo princípios democráticos nas práticas educativas desenvolvidas nos espaços escolares. Instituem-se, assim, relações interculturais na formação e na atuação de professores, promovendo uma prática rica em conhecimentos, saberes e aprendizagens interculturais e culturais, como também em valores e princípios éticos e estéticos na relação entre as pessoas em diversos espaços das relações humanas, sobretudo nos espaços educativos.

Ainda em relação à educação intercultural, pensa-se com Santiago, Akkari e Marques (2013, p. 190), ao mencionarem:

A proposta de educação intercultural implica uma mudança paradigmática que envolva a revisão de nossas concepções de mundo, no sentido de incorporar e articular diferentes maneiras de pensar, sentir e agir como parte integrante de contextos complexos que produzem significados múltiplos e próprios, que nos obrigam a reconhecer outras possibilidades de leitura da realidade.

A educação intercultural, discutida pelos supracitados autores, traz possibilidades de mudanças, de novas concepções de ver e de sentir as pessoas e o mundo; de transformar a realidade na qual se insere, por meio de conhecimentos, construção e reconstrução de saberes e de significados das questões socioculturais, entre outras – as questões de poder e de desigualdades, como racismo institucional, preconceito e discriminação.

Ao problematizar e considerar a educação intercultural, sublinha-se a acepção intercultural pensada por Candau (2020, p. 10), ao focar na ruptura de compreensão das produções culturais, partindo de noções abstratas que consideram as culturas como fatos prontos e imutáveis, definindo o modo de ser de um povo como algo constante, situando-a de forma processual, em movimento:

A perspectiva intercultural rompe com uma visão essencialista das culturas e das identidades culturais. Concebe as culturas em contínuo processo de elaboração, de construção e reconstrução. Certamente cada cultura tem suas raízes, mas estas raízes são históricas e dinâmicas. Não fixam as pessoas em determinado padrão cultural.

Dessa forma, insiste-se na necessidade de envidar estudos sobre a introdução da perspectiva intercultural nas práticas educativas, a fim de reposicionar os paradigmas de conhecimentos sobre as raízes históricas e culturais dos contextos sociais permeados por

determinados padrões e tradições culturais, segundo os quais alguns se sobressaíam sobre os outros, daí porque devem ser repensados nos aspectos de consistência conceitual e de validade das práticas.

Com a intencionalidade de repensar tais paradigmas, Candau (2020, p. 11) assim se manifesta:

A perspectiva intercultural que defendo quer promover uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente incluídas.

A ideia de interculturalidade, caracterizada por valorizar as diferenças, o respeito, a construção de conhecimento, de modo que favoreça as pessoas sem distinção, introduzida nos espaços educativos, leva Candau (2020, p. 13) a fazer o convite para “[...] desconstruir aspectos da dinâmica escolar naturalizados que nos impedem de reconhecer positivamente as diferenças culturais e, ao mesmo tempo, promover processos que potencializem esta perspectiva” – o que, estendendo-se aos contextos das práticas educativas, convida a rever as bases teóricas conceituais e valorativas dos projetos educativos nos âmbitos das concepções de ser humano, de sociedade e do próprio sentido de ser do educativo.

Ao se pensar em educação intercultural, ressaltam-se as diferenças e reporta-se às argumentações de Azevedo (2023, p. 289), para quem “as diferenças entre os sujeitos possibilitam que, culturalmente, as relações e comunicações sejam enriquecedoras [...]”, oportunizando a ampliação de ver e sentir as pessoas de forma solidária, com respeito e sensibilidade à complexidade de serem diversos nos âmbitos psicológicos, culturais, sociais e históricos. Com isso, ressaltar as diferenças na perspectiva da educação intercultural é algo que potencializa e que enriquece as relações humanas e o conhecimento produzido sobre as realidades.

Dito isso, validam-se as argumentações de Azevedo (2023, p. 294), ao aduzir que “diferenças não devem ser toleradas, precisam ser problematizadas. Ter consciência de que trabalhar com a diversidade implica em problematização das diferenças é condição para a promoção de uma sociedade e escolas mais justas, solidárias e democráticas.” Entende-se que trabalhar com ou por meio da pluralidade das diferenças – com destaque à diversidade cultural

e histórica – é um desafio que implica problematização, conforme destaca o referido autor, além de mudanças no processo educativo e nas práticas educativas.

Tonet, Rodrigues e Meneghel (2023), diante das diferenças, argumentam sobre a perspectiva intercultural crítica que, articulada às propostas educativas, incentiva e intenciona a educação inclusiva, na qual se concebe a presença de um diálogo com a diversidade, possibilitando uma educação potencializada para problematizar, questionar e criar condições para o desenvolvimento de novas práticas. Os susoditos autores acrescentam:

A partir de uma visão intercultural crítica da sociedade somada à valorização da alteridade, consideramos a necessidade de romper com a ideia de olhar as diferenças a partir de uma perspectiva colonializada, que as emoldura como estranhas, excêntricas, anormais e, portanto, inferiores (Tonet; Rodrigues; Meneghel, 2023, p. 25).

Pensar a educação intercultural nessa direção é pensar em romper com a ideia de padronização, de colonização da cosmovisão e de mentalidade humana que aprisiona o ser humano a modos de ser únicos, tidos como superiores e exclusivos; e conduz o olhar para novos horizontes, com possibilidades outras de valorização e de reconhecimento das diferenças e das pluralidades culturais, comportamentais e de convivência com o outro e com o mundo.

Interculturalidade: conceitos em discussões

Na busca pela compreensão do conceito de interculturalidade, conta-se com as contribuições de autores, como Azevedo (2023), Candau (2009, 2020) e Sacavino (2020). Diante do pensamento de Candau (2020), a interculturalidade apresenta-se como proposta que abrange as dimensões epistemológica, ética, estética e política para uma sociedade que prima pela igualdade e pelo reconhecimento das diferenças culturais – ao que ainda se acrescentam as diferenças existentes, como a de gênero, raça, sexualidade, e entre as gerações – de forma acentuada neste estudo, no espaço escolar.

Candau (2020, p. 18) descreve, discute e distingue a interculturalidade funcional e a interculturalidade crítica. A primeira “[...] é assumida como estratégia para favorecer a coesão social, assimilando os grupos socioculturais subalternizados à cultura hegemônica.” É considerada, pois, como mecanismo para facilitar a ocultação das diferenças entre pessoas, entre grupos na sociedade.

Quanto à concepção da interculturalidade crítica, “[...] trata-se de questionar as diferenças e desigualdades construídas ao longo da história entre diferentes grupos

socioculturais, étnico-raciais, de gênero, orientação sexual, religiosos, entre outros” (Candau, 2020, p. 18). Essa compreensão denota para diferenças e desigualdades que surgiram ao longo da história humana, mas que vem se intensificando e se transformando em condição de ser humano diverso, e definindo modos de aceitação social. A confirmação dessas diferenças ratifica a diversidade, bem como a pluralidade de ser humano, ao tempo que estimula a problematização das práticas educativas alicerçadas em paradigmas conservadores, fundamentados em princípios de discriminação que concebem as diferenças como deficiências.

Algumas características se fazem presentes na lógica da interculturalidade crítica, em concordância com Candau (2020): a promoção deliberada da inter-relação entre diferentes grupos socioculturais; o rompimento com a visão essencialista das culturas e das identidades culturais; a afirmação dos processos de hibridização cultural como intensos e mobilizadores da construção das identidades abertas e múltiplas. Tais características formam um leque de conhecimentos e de saberes voltados para as diferenças culturais na sociedade e nas práticas educativas.

Destacam-se, entre as características citadas por Candau (2020), as que interagem com as práticas educativas, tornando interessante o estudo da interculturalidade crítica mediante encontros, atividades e propostas capazes de expandir e exercer o conhecimento visando ao fortalecimento para a construção de identidades múltiplas, potencializadoras de empoderamento e de constituição da autoestima, promovendo interações interculturais.

Para tanto, torna-se necessário um “[...] processo de desconstrução de práticas naturalizadas e enraizadas” (Candau, 2020, p. 40), ainda não vivenciadas nas universidades e nas escolas. É nesse processo de desconstrução que os profissionais da educação podem se desenvolver como profissionais que se reconhecem; que compreendem sua história, sua origem; que admitem os “outros” em suas diferenças; que têm possibilidades para construir uma identidade sociocultural no decorrer da prática profissional, a fim de ter embasamento e subsídios e ser capaz de lidar, trabalhar e conviver com as múltiplas diferenças nos espaços escolares ou não escolares.

Com essa configuração, Candau (2009, p. 26) afirma:

Como projeto político, epistêmico e ético, a interculturalidade crítica expressa e exige uma pedagogia e uma aposta e prática pedagógica que retomam a

diferença em termos relacionais, com seu vínculo histórico-político-social e de poder, para construir e afirmar processos, práticas e condições diferentes.

Por cúmulo, a interculturalidade crítica precisa ser compreendida como um processo e um projeto intelectual, ético e político orientado à construção de outros modos de poder, saber e ser. Dessa forma, com vistas à produção de novos e diferentes conhecimentos e de saberes, Sacavino (2020, p. 38) vislumbra que “[...] a interculturalidade é concebida como processo e uma estratégia ética, política e epistêmica.” E que “[...] a interculturalidade mobiliza processos dinâmicos em várias direções, cheios de criatividade e tensões e em permanente construção” (Sacavino, 2020, p. 40).

Com essas características, as concepções de Candau (2020) e de Sacavino (2020) estão intrinsecamente relacionadas, uma vez que a apreendem como processo que interfere no modo de conduzir a produção de conhecimento, propondo outro paradigma, com mudanças nas dimensões política, ética e epistemológica, com vistas à construção de saberes diversos que orientem as interações humanas.

O entendimento da interculturalidade, conforme Santiago, Akkari e Marques (2013, p. 178), é tido

[...] via mediação das diferenças, que caracterizam a singularidade e a essência de cada ser humano, abre portas para uma nova perspectiva epistemológica que aponta para a compreensão da multiplicidade e da ambivalência, que constituem as identidades e as relações sociais.

Com esse prisma, os autores em apreço situam a complexidade dos estudos relacionando a interculturalidade às condições de singularidade e de diversidade do ser humano, intensificada pela dimensão epistemológica, fundada em princípios, crenças e valores que respeitam a multiplicidade e as ambivalências na análise da realidade humana, e consideram as interferências socioculturais e políticas.

Ainda sobre o conceito de interculturalidade, Sacavino (2020, p. 8) afirma:

[...] a interculturalidade mobiliza processos dinâmicos em várias direções, cheios de criatividade e tensões e em permanente construção. Processos enraizados nos diversos universos socioculturais atuais, caracterizados por relações de poder e pelas grandes desigualdades sociais, políticas e econômicas. Este talvez seja o maior desafio da interculturalidade e também da educação intercultural, não ocultar as desigualdades, as contradições e conflitos das sociedades atuais, mas trabalhar com e intervir neles.

Essa preocupação com a complexidade das relações e das interações humanas, tendo em vista as condições sociais, culturais e econômicas como elementos conflitantes, mas

intrínsecos à vida humana, reforça a interculturalidade como lugar para a criatividade e a sistematização de práticas que confrontam as desigualdades, isto é os conflitos que surgem na sociedade e no contexto educativo, principalmente em salas de aulas, diante das diferenças e da diversidade humana.

A presença da interculturalidade crítica no campo da educação é vista por Candau (2009, p. 25) como

ferramenta pedagógica que questiona continuamente a racialização, subalternização, inferiorização e seus padrões de poder, visibiliza maneiras diferentes de ser, viver e saber e busca o desenvolvimento e criação de compreensões e condições que não só articulam e fazem dialogar as diferenças num marco de legitimidade, dignidade, igualdade, equidade e respeito, mas que ao mesmo tempo alentam a criação de modos “outros” de pensar, ser, estar, aprender, ensinar, sonhar e viver que cruzam fronteiras.

Com essa caracterização e intencionalidade refletida por Candau (2009), a interculturalidade também está voltada para a dimensão pedagógica e intencionaliza maneiras diferentes de ser, de viver e de buscar a formação humana em um contexto de diferenças, de diversidade e de multiplicidades, além da invenção de modos diferentes de compreender o ser humano. Sublinha-se, ainda, a relevância do diálogo que pode levar a outros e diferentes modos de ser, pensar e estar no mundo.

Nesse diálogo, com foco na compreensão da interculturalidade, a diversidade cultural participa como um componente definidor de intenções e de finalidades, diante do que Azevedo (2023, p. 277) esclarece que

Discutir sobre diversidade significa considerar que discursos e práticas devem ir além de um apelo ao respeito e à tolerância, como se o apontado como diferente tivesse que ser, apenas, tolerado. Compreender esse estado de coisas é condição para a tomada de consciência e engajamento político e pedagógico na construção de uma educação e de uma escola inclusiva. Tratar de diversidade na escola, portanto, é necessário tendo em vista evitar um processo de homogeneização das diferenças.

Para trabalhar com base na diversidade na escola, é necessário ir além do respeito e da tolerância, compreender e praticar a educação inclusiva, na intenção de garantir a presença plural das pessoas com respeito e aceitação, de modo que contemple todos no processo de desenvolvimento educativo, independentemente do contexto e da situação.

Ainda sobre a interculturalidade, Candau (2009, p. 105) aponta que

se apresenta como a dinâmica própria do diálogo, que pode resultar do contato cotidiano entre grupos de origens culturais e históricas diferentes nos quais se dão as transformações sociais, assim como a mudança nas mentalidades, no imaginário das pessoas, em sua maneira de sentir e perceber o mundo.

Nesse sentido, a interculturalidade é permeada pelo diálogo em situações do cotidiano, do contato e/ou situações entre diferentes grupos culturais, cada um com origens e tradições históricas, possibilitando uma transformação no imaginário e no modo de sentir e de perceber o mundo, sob diversas formas, ou seja, como se veem os outros, e como se veem e se percebem as diferenças.

Interculturalidade e práticas educativas interculturais: relações intrínsecas

Com a possibilidade de haver relações intrínsecas entre a interculturalidade e as práticas educativas, vislumbra-se um diálogo de princípios éticos, políticos e estéticos diante da complexidade e da abrangência dessas relações no contexto escolar. É oportuno pensar na consolidação dessa possibilidade e na oportunidade de expandir o diálogo intercultural, de modo que se preservem as diferenças, as inovações, as críticas e as reflexões sobre a formação e a atuação humana na sociedade.

Nesse ensejo, recorre-se ao conceito de prática educativa, trazendo as características das relações com a atitude da interculturalidade, mediante a sistematização do conceito por autores como Franco (2012), Mota e Cabral (2013), e Zabala (2014). Nas contribuições de Franco (2012, p. 169), ao considerar a prática educativa, tem-se que “[...] quando as intencionalidades de uma prática social estão explicitadas, podem permitir a inteligibilidade dessa prática e podem tornar-se assim práticas educativas, que ocorrem, por certo e inexoravelmente, dentro e fora da escola”. Nota-se aqui a intencionalidade que tem a prática educativa como manifestação social que promove ações significativas e com sentido formativo.

Ainda em relação ao conceito de prática educativa, cita-se Zabala (2014, p. 21), ao tratá-lo, com base na flexibilidade das práticas humanas, como “[...] algo fluido, fugidio, difícil de limitar com coordenadas simples e, além do mais, complexa, já que nela se expressam múltiplos fatores, ideias, valores, hábitos pedagógicos etc.” Além de o referido autor percebê-la em sua consistência fluída, também chama a atenção para a constituição complexa das

práticas sociais, o que, estendendo-se à prática educativa, requer planejamento, propósitos definidos e apreciáveis de forma crítica, quanto à aplicação e à avaliação.

Nessa direção, Zabala (2014, p. 54) salienta as condições de aplicabilidade de uma prática educativa que envolva as relações com o contexto, o que pode oportunizar o diálogo intercultural e a atitude da interculturalidade, ao ressaltar a flexibilidade da prática educativa:

os espaços e a estrutura da escola, as características dos alunos e sua proporção por aula, as pressões sociais, os recursos disponíveis, a trajetória profissional dos professores, as ajudas externas etc., são condicionantes que incidem na aula de tal maneira que dificultam, quando não impossibilitam, a realização dos objetivos estabelecidos no modelo teórico. Neste esquema a prática educativa pode ser interpretada não apenas a partir do que não se faz com relação a um modelo teórico, mas também como o resultado da adaptação às possibilidades reais do meio em que se realiza.

A complexidade da prática educativa é permeada por propostas metodológicas e teóricas, estratégias pedagógicas, técnicas operacionais, além de condicionantes psicológicos, culturais e sociais que acontecem em sala de aula, a exemplo da estrutura e da organização da escola; dos perfis biográficos dos alunos; da relação entre professores e alunos; da trajetória profissional dos professores que, muitas vezes, são estabelecidos por um modelo teórico tradicional e conservador.

Pondera-se que a prática educativa, conforme Zabala (2014), está condicionada às sequências de atividades, por intermédio de relações interativas e de uma organização social em um espaço e em um tempo no qual haja organização de conteúdos com materiais curriculares e critérios de avaliação prefixados. Trata-se de processos imbricados ao ensino e à aprendizagem, os quais devem observar a diversidade e a pluralidade das pessoas envolvidas.

Mota e Cabral (2013) consideram aspectos gerais, particulares e singulares, relacionados ao conceito de prática educativa, defendendo-a como um acontecimento que acompanha as necessidades formativas humanas de forma ampla e múltipla, concernente às necessidades formativas das pessoas, com marcas de pertencimento a algum contexto sociocultural e histórico determinado. Para as susoditas autoras, é um acontecimento que se dá mediante o encontro entre o professor, os alunos e o universo temático que os rodeia. São aspectos que se fazem presentes no âmbito da prática educativa, definidos pelo que é mais geral, menos abrangente e o que é mais pessoal, na singularidade das interações humanas.

Na relação entre práticas educativas e a interculturalidade, é possível observar o que Sousa e Cabral (2023, p. 12) aduzem: “a prática educativa deve mostrar-se aberta ao meio sociocultural, procurar promover a educação intercultural, o reconhecimento das diferenças, a aceitação do outro - a educação intencional.” A postura da interculturalidade e da prática educativa, para essas autoras, justapõe-se com o meio sociocultural e histórico das diferenças, da diversidade cultural e da complexidade como prática social, com intencionalidades pedagógicas e educativas.

Superpostos por uma relação de compartilhamento e de cumplicidade de conhecimentos, de saberes e de atitudes comprometidas com as aprendizagens, as práticas educativas manifestam-se pelas diferenças sociais e culturais apresentadas no contexto educativo e em sala de aula – o que encontra respaldo na fala de Candau (2020, p. 13):

[...] as práticas educativas partem do reconhecimento das diferenças presentes na escola e na sala de aula, o que exige romper com os processos de homogeneização, que invisibilizam e ocultam as diferenças, e reforçam o caráter monocultural das culturas escolares.

A prática educativa relacionada à interculturalidade tem como base as diferenças socioculturais e humanas presentes no âmbito educativo e em sala de aula, o que rompe com atitudes de preconceito e de discriminação. Candau (2020, p. 14) assim se posiciona quanto a essa relação:

Quanto às práticas socioeducativas referidas à interculturalidade, exige colocar em questão as dinâmicas habituais dos processos educativos, muitas vezes padronizadores e uniformes, desvinculados dos contextos socioculturais dos sujeitos que dele participam e baseados no modelo frontal de ensino-aprendizagem. Favorece dinâmicas participativas, processos de diferenciação pedagógica, a utilização de múltiplas linguagens e estimulam a construção coletiva (Candau, 2020, p. 14).

Então, as práticas educativas relacionadas à interculturalidade são caracterizadas pelas dinâmicas do processo educativo, as quais precisam ser contextualizadas, participativas e coletivas, visando a promover uma aprendizagem significativa. Para Candau (2009, p. 52),

o objetivo de trabalhar na construção de práticas educativas orientadas por uma perspectiva cultural é oferecer às alunas e alunos múltiplas situações que lhes permitam compreender o mundo a partir de diferentes formas sócio históricas, que possibilitem a reflexão sobre seu próprio contexto e sobre outras possibilidades, as que podem estar ou não próximas deles, em termos tanto materiais quanto simbólicos.

Proporcionar tais práticas é um desafio para o professor, porém é necessário e oportuno para compreender e conhecer o mundo diante das diferenças que o cercam, e trabalhar na lógica da construção de práticas educativas culturais – e por que não interculturais – nas quais as relações se apresentam como ponto de partida, junto com o diálogo intercultural. É pensando nesse contexto das práticas educativas interculturais que se relevam algumas orientações que precisam ser pensadas pelas escolas e pelos professores, envolvendo as políticas educacionais.

Nesse debate, Candau (2009) ressalta a necessidade de: compreender o sentido de pertença de meninos e meninas a diferentes grupos; defender, no plano curricular e nos projetos educativos, a presença de saberes culturais diversos; transformar as salas de aulas em espaços de diálogo que possam se abrir à palavra, aos saberes, aos valores e às formas de vida de grupos diversos; incorporar, no plano de atividades, experiências interculturais com variados formatos educativos; incluir no plano dos conteúdos as histórias e culturas dos povos originários, das mulheres e de todos os grupos sociais que foram invisibilizados ou discriminados pelo sistema escolar.

Nesse sentido, as práticas educativas culturais e interculturais devem ser vistas e levadas a sério, ou seja, precisam de reconhecimento e de aceitação para terem sentido e significado no contexto educativo de professores e alunos, em face de suas realidades, em meio a diferentes situações e pessoas. Proporcionar essa reflexão para dentro das escolas é primordial para esses sujeitos conhecerem a dimensão da educação intercultural e da interculturalidade, verem e perceberem o verdadeiro significado de desenvolver práticas interculturais.

Portanto, as práticas educativas interculturais podem ser um caminho a ser seguido para conhecer, compreender e aprender sobre o outro, as diferenças, a diversidade cultural e a dimensão intercultural das relações socioculturais.

Relações interculturais nos espaços educativos: diálogos e competências interculturais

Enfatizam-se as relações interculturais nesse emaranhado de reflexões acerca da educação intercultural e da atitude da interculturalidade por se constituírem em fatores /elementos que delineiam novas configurações às práticas educativas. É por meio destes que as

relações sociais não colonizadoras almejam a autonomia e se manifestam entre as diferentes pessoas e/ou grupos.

Santiago, Akkari e Marques (2013, p. 185) ratificam que

[...] as relações interculturais são fundamentais na ruptura com os processos de exclusão, no sentido de promover a convivência entre diferentes grupos que se identificam por determinada característica em um dado momento e permitir a construção de novas aprendizagens numa teia complexa de significações diversas.

Enfatizadas pelos autores em comento, as relações interculturais, necessárias à construção de um novo olhar em relação ao outro, oportunizam compreender novos saberes, novas aprendizagens e novos conhecimentos sobre a diversidade e a pluralidade humana. Tal atitude se efetiva com a prática do diálogo intercultural, conforme apontam Sousa e Cabral (2023, p.11): “destacamos o diálogo intercultural como proposta de intervenção no relacionamento entre educação intercultural e processos formativos, bem como nas práticas educativas.” Funda-se em princípios de respeito mútuo, de inclusão, sem discriminar e hierarquizar a posição dos participantes, em um ato de escuta sem censura, de forma amigável, sem intenção de convencimento e imposições atitudinais, valorativas e conceituais.

Ainda consoante as supracitadas autoras, “o diálogo intercultural manifesta interação e relações entre as pessoas em grupos culturais diferentes na busca por conhecimentos relevantes que facilitam formas de aprendizagens com as mais diversas possibilidades de relações entre saberes, sem negar ou anular as diferenças” (Sousa; Cabral, 2023, p. 11) – o que fortalece a relevância e a necessidade de diálogo intercultural nas relações e nas interações entre diferentes grupos de pessoas, objetivando um conhecimento produzido a partir das diferenças culturais e humanas existentes.

Acredita-se, inclusive, na importância da colaboração intercultural nas relações humanas em sentido amplo, envolvendo os contextos socioculturais e históricos em âmbito mais específico, constituídos pelas relações educativas e pedagógicas que ocorrem no espaço escolar, as quais seriam práticas voltadas para ações colaborativas, pautadas em diálogo recíproco, respeitoso e amigável. Em relação à colaboração intercultural, é interessante salientar o movimento de conexão entre os conceitos, os valores e os sentidos dos diversos contextos socioculturais e históricos, em uma intencionalidade colaborativa, vista como a criação de modos de colaboração intercultural para experienciar encontros e desencontros

entre diferentes culturas e grupos de pessoas, visando a experienciar o diferente, o estranho, e desbravar novos horizontes.

Nessas relações, é fundamental a presença do diálogo intercultural, de modo que aconteçam de maneira positiva, amigável, respeitosa, com justiça e liberdade. E para ser significativo para todos envolvidos, independentemente da situação vivenciada, concorda-se com Candau (2009, p. 105), quando afirma: “o diálogo intercultural possibilita a comunicação intercultural, habilidade para negociar, consigo mesmo e com os outros, os significados culturais e atuar comunicativamente de forma eficaz.” Portanto, diálogo e comunicação intercultural juntos, em uma relação rica e saudável, com potencialidade para enfrentar situações conflituosas e tensões que possam surgir no interior das relações.

Nessa direção, o diálogo intercultural promove a troca recíproca de experiências, de conhecimentos, de saberes e de aprendizagens entre pessoas que se considerem iguais em direitos e deveres, mas diversas no modo de ver, de sentir e de compreender sua existência no mundo e sua atuação na sociedade. Diante disso, sublinha-se o entrelaçamento da comunicação intercultural como:

[...] um processo de aprendizagem comunicativa, na qual nenhuma cultura é deixada sem desafios ou sem modificações. Ora, se a abordagem for feita com a compreensão de que todas as culturas, incluindo a nossa, são incompletas, evitaremos uma atitude arrogante de julgamento e nos abriremos ao excitante processo (e muitas vezes frustrante e difícil) de aprendizagem intercultural, no qual as realidades culturais novas, as outras culturas, estarão abertas e desenvolvidas (Candau, 2009, p. 147).

A comunicação intercultural é uma ação necessária e que deve se fazer presente nas relações humanas, onde persistem aprendizagens significativas entre as diferentes culturas. Por meio dela, fica-se aberto para o diálogo, visando a uma relação enriquecedora, crítica, reflexiva, colaborativa, na qual se priorize o respeito, a valorização, a aceitação dos outros e das diferenças existentes.

Nas relações interculturais, no âmbito educativo, é indispensável a postura da interculturalidade, ou seja, a competência intercultural, precipuamente para os profissionais da educação ao realizarem suas práticas, para que sejam capazes de desenvolver ações educativas interculturais e interculturais pautadas nos saberes, nas habilidades e nas atitudes,

tendo em vista conhecer, compreender e conviver com as diferenças humanas de origem socioculturais e históricas existentes, no contexto educativo e na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com vistas a contemplar a problemática *como a interculturalidade se relaciona com a prática educativa nos diferentes espaços em que ocorrem as relações socioculturais entre seres humanos?*, e com o propósito de *analisar as relações firmadas entre a interculturalidade e a prática educativa nos espaços de relações socioculturais entre humanos*, discutiram-se ao longo deste artigo possíveis relações entre a atitude da interculturalidade e a prática educativa, desenvolvendo um debate conceitual acerca da educação intercultural intrinsecamente interligada às diferenças humanas e à diversidade cultural e histórica dos grupos humanos. Em tal perspectiva de educação, sobressaem-se atitudes de respeito, sensibilidade, aceitação, reconhecimento e convivencialidade democrática que levem à construção/reconstrução de conhecimentos, com intencionalidade pedagógica, visando a aprendizagens e saberes educativos críticos e transformadores.

Com este debate evidenciando possíveis relações entre a atitude da interculturalidade, a prática educativa e a educação intercultural, reafirma-se a necessidade de pensar além do reconhecimento das diferenças, de estar envolvido com um projeto intencional de mudanças, de transformações, de construção/reconstrução de conhecimentos, em colaboração com as diferenças e as diversidades existentes no contexto educativo e na sociedade. Com esse propósito, enfatizam-se ações sociais educativas, planejadas e intencionais, vislumbrando resultados críticos e reflexivos no processo de formação humana. Mediante práticas diferentes, inovadoras e críticas, promovem-se ações significativas e com sentido diverso ao ser humano.

Por oportuno, valida-se que as práticas educativas interculturais podem ser um caminho a ser seguido para conhecer, compreender e aprender com o outro as diferenças humanas e a diversidade cultural histórica presente nas relações sociais educativas – condição necessária para que se possa construir um novo olhar em relação a si mesmo, com um sentido/sentimento diferenciado e plural de quem é o outro, compreendendo-o na construção de novos saberes, novas aprendizagens e novos conhecimentos.

Nesse sentido, indicam-se como elementos indispensáveis a esse acontecimento o diálogo, a colaboração, a comunicação e a competência intercultural, tomando-os como precisos e fundamentais no contexto educativo para sentir, valorar, ser entendido e compreendido nas diferentes situações típicas das relações humanas, prezando-se pela autonomia e emancipação.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, C. B. As diferenças não devem ser toleradas: reflexões sobre escola inclusiva e educação para a diversidade. **Linguagens, Educação e Sociedade**, v. 27, n. 53, p. 273-299, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/2915>. Acesso em: 6 jun. 2024.

CANDAU, V. M. F. (org.) **Educação intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 leturas, 2009.

CANDAU, V. M. F. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A.. F.. B.; CANDAU, V. M. F. (org.). **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 13-37.

CANDAU, V. M. F. Diferenças, educação intercultural e decolonialidade: temas insurgentes. **Rev. Espaço do Currículo (on-line)**, João Pessoa, v. 13, n. Especial, p. 678-686, dez. 2020. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php>. Acesso em: 9 jul 2024.

FRANCO, M. A. S. **Pedagogia e prática docente**. São Paulo: Cortez, 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MOTA, F. A. B. da; CABRAL, C. L. de O. A prática educativa através dos tempos: dos antigos aos pós-modernos. **EccoS – Revista Científica**, [S. l.], n. 31, p. 207-223, 2013. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/3448>. Acesso em: 10 jul. 2024.

SACAVINO, S. B. Interculturalidade e práticas pedagógicas: construindo caminhos. **Educação**, v. 45, n. 1/3, p. 1-18. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/38257>. Acesso em: 6 jun. 2024.

SANTIAGO, M. C.; AKKARI, A.; MARQUES, L. P. **Educação intercultural**: desafios e possibilidades. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

SOUZA, S. de J. S. da S.; CABRAL, C. L. de O. Diálogos e compromisso intermulticulturais nas práticas pedagógicas em sala de aula: experiências colaborativas. **Horizontes**, v. 41, n. 1, 2023. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/1659>. Acesso em: 10 jul 2024.

SOUZA, M. I. P de.; FLEURI, R. M. Entre limites e limiares de culturas: educação na perspectiva intercultural. In: FLEURI, R. M. (org.). **Educação intercultural**: mediações necessárias. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 53-84.

TONET, J. J.; RODRIGUES, C. R.; MENEGHEL, S. M. Educação intercultural como possibilidade de reconhecimento e valorização das diferenças. **Linguagens, Educação e Sociedade**, v. 27,

n. 55, p. 1-30, 2023. Disponível em:

<https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/3993>. Acesso em: 6 jun. 2024.

WALSH, C. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, V. M. (org.). **Educação Intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.p. 12-42.

ZABALA, A. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Recebido em: Junho/2025.

Aprovado em: Julho/2025.